



Centro Universitário de Brasília - UNICEUB
Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas - FASA

CLÍSTENES DE ARAGÃO CARDOSO

Correio Braziliense: Uma análise da narrativa jornalística do Caderno de Cidades de 1970

Trabalho apresentado ao curso de Comunicação Social do Centro Universitário de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Severino Francisco da Silva Filho.

Brasília
Maio de 2008

CLÍSTENES DE ARAGÃO CARDOSO

Trabalho apresentado ao curso de Comunicação Social do Centro Universitário de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Severino Francisco da Silva Filho.

Banca Examinadora

**Severino Francisco
Orientador**

**Renato Ferraz
Examinador**

**Luíz Cláudio
Examinador**

Brasília
Maio de 2008

RESUMO

O texto jornalístico está em constante evolução. Este trabalho traz o estudo sobre a narrativa jornalística do Correio Braziliense do início da década de 1970. Trata de analisar alguns elementos da narrativa jornalística com a intenção de descobrir que aspectos caracterizam o texto e a narrativa do Caderno de Cidades do Correio Braziliense do ano de 1970.

Palavras-chaves: Narrativa Jornalística, Teoria da Narrativa, Correio Braziliense.

DEDICATÓRIA

*À minha mulher, Cristianne Haydée. Toda hora
e em todo lugar, sempre ao meu lado.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai. À minha mãe e irmãs. Aos amigos Carlos Andrés Ribero Cereijo, com muita estima pelos conselhos e estímulos a este trabalho; Éderson Bancillon, pelos momentos de descontração; Daniel Melo, Everton Araújo e Rodolfo Lauro, pelo companheirismo.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
LIMITAÇÕES DA PESQUISA	8
METODOLOGIA.....	9
1 CONCEITO DE NARRATIVA JORNALÍSTICA	10
2 HIPÓTESE DA EVOLUÇÃO DA NARRATIVA JORNALÍSTICA	12
3 O CORREIO BRAZILIENSE.....	13
4 ANÁLISE DO CONTEÚDO	16
5 CONTEXTO SOCIAL	19
6 CADERNO DE CIDADES.....	20
6.1 PROBLEMAS DE ESTRUTURAÇÃO GERAL.....	23
6.2 PROBLEMAS DE ESTRUTURA DE IMPORTÂNCIA.....	25
6.3 PROBLEMAS DE INTERCALAÇÃO EXCESSIVA	28
6.4 DESCONEXÃO COM TEMPOS VERBAIS.....	29
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
ANEXOS	35

INTRODUÇÃO

Um dos motivos para a realização deste trabalho foi descobrir que o texto de um jornalista é carregado de idiossincrasias, ou pelos menos era até 1970. Parece óbvio constatar isso, mas o texto do jornal dos dias de Guerra do Iraque e do atentado terrorista de 11 de setembro sofreu um ataque anti-estilístico devastador. E a arma de guerra é o esquematismo dos manuais de redação. Esse manual impõe estilos aos jornalistas na missão de levar, da melhor maneira possível, o fato digno de ser notícia até o leitor.

Quem narra tem sempre algum propósito ao narrar. A partir da apuração dos fatos, o jornalista julga uma série de elementos que possuem mais ou menos relação com o assunto da matéria para atingir um único objetivo: escrever um texto que seja o mais fidedigno e representativo da realidade dos fatos.

A escolha do objeto, o Caderno de Cidades do Correio Braziliense no ano de 1970, se deve ao fato de conviverem naquele período os mais diferenciados estilos textuais, alguns até considerados pelo pesquisador como inusitados. E foi nessa época que o tema Cidade ganha sua própria página.

Com o passar do tempo, o texto do caderno de Cidades evoluiu, do ponto de vista técnico. Agregou novos elementos e abandonou outros.

O estudo da mensagem jornalística do Caderno de Cidades do Correio Braziliense no ano de 1970 tem o objetivo de demonstrar um conjunto de estilos textuais e elementos narrativos do texto das páginas destinadas à cobertura dos acontecimentos locais.

O objetivo deste trabalho é, portanto, discutir a questão da narrativa jornalística na tentativa de compreender que elementos influenciavam o texto “solto” dos jornalistas da época.

O Centro de Documentação do Correio Braziliense (Cedoc) foi base de dados do corpus desta pesquisa. Para ter acesso às edições pesquisadas foi preciso manusear os originais desses jornais. Uma cópia de cada serviu para prova e análise posterior. O Cedoc é estruturado segundo um arquivo central, um núcleo de fotografia e um núcleo de texto.

LIMITAÇÕES DA PESQUISA

A pesquisa teve como principais limitações, primeiro o fato de as matérias pesquisadas não possuírem assinatura. Com isso, ficou inviável a busca pelo autor do texto ou matéria para entrevista, restando apenas no diretor de redação da época a possibilidade de uma entrevista. Mesmo assim, alguns não estão mais vivos.

Em relação à segunda limitação é importante esclarecer, ainda, um detalhe sobre o expediente publicado no jornal. Apenas os nomes dos diretores e chefes de redação eram publicados.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada na realização deste trabalho foi um estudo comparativo englobando pesquisa exploratória, por meio de um levantamento bibliográfico sobre narrativas, além da cópia dos exemplares colhidos no Cedoc.

Existem diferentes maneiras de escrever uma reportagem. Sem desmerecer as mais variadas dimensões desse ato, vale dizer que este trabalho limita-se a mobilizar a forma escrita de narrar histórias. Narrativa é, aqui, o texto escrito sobre o qual se conta uma história.

Depois da contextualização teórica, o trabalho analisa o conteúdo das edições do Correio Braziliense do dia 8 e 10 de março de 1970; 14 de junho de 1970 e 5 de dezembro de 1970.

O trabalho privilegiou a editoria de Cidades do jornal, onde havia, por parte dos jornalistas e editores, uma maior liberdade de produção dos textos sobre as notícias das cidades satélites e do Plano Piloto.

A pesquisa e a fonte de informação utilizada foram a bibliográfica, aplicada e exploratória, partindo-se de dados e informações já elaboradas e publicadas, dando suporte para uma análise de conteúdo do caso particular no jornal Correio Braziliense, por meio de um método de investigação dedutivo.

O Cedoc foi criado em 1970 para preservar a memória institucional do jornal e fornecer as informações necessárias para a sua produção diária. Oferece acesso a todos os jornais publicados desde a sua fundação em 21 de abril de 1960.

1 CONCEITO DE NARRATIVA JORNALÍSTICA

Contar fatos ou acontecimentos é uma das atividades mais usuais da vida do homem. Quando se conversa com familiares ou amigos, por exemplo, escolhe-se a maneira que mais convém para evocar uma história, seja ela marcante ou não. Essa organização da importância dos elementos é que está na base da teoria da narrativa. Com isso, a teoria da narrativa é:

[...] o agrupamento de unidades que se coesionam sintaticamente em seqüências articuladas. Organizadas narrativamente, as narrações produzem significados, proporcionam inteligibilidade à natureza e às relações humanas. Ao estabelecer seqüências de continuidade (ou descontinuidade), integram ações no passado, presente e futuro, dotando-as de sequenciação, criando o tempo do relato no relato. (MOTTA, 2005, p. 16).

O indivíduo expressa inconscientemente, ao narrar histórias de acontecimentos reais ou fictícios, a conjuntura cultural na qual está inserido. A língua, a região geográfica, a formação educacional, o meio social e afetivo influenciam diretamente na forma de narrar uma história. A teoria abrange também:

[...] os métodos e os procedimentos empregados na análise das práticas culturais. Dedicar-se aos estudos dos processos de relações humanas que produzem sentidos através de expressões narrativas, sejam elas factuais (jornalismo, história, biografias) ou ficcionais (romances, contos, telenovelas). As narrativas são construções discursivas sobre a realidade humana. São representações mentais linguisticamente organizadas a partir de nossas experiências de vida. (MOTTA, 2005, p. 18).

A linguagem formal permite que se conte histórias cotidianas de forma sintetizada, valorizando os principais acontecimentos daquele relato. Essa estruturação hierárquica, daquilo que será relatado primeiramente, tem origem na Grécia antiga:

Em 1960, o pesquisador Tobias Peucer estuda as *relationes novellae*¹ na primeira tese de doutorado em Jornalismo (*De relationibus Novellis*), escrita no final do século XVII na Universidade de Leipzig, na Alemanha. Pela pesquisa realizada por Peucer, sabe-se que os gauleses, belgas, germânicos ou, ainda, os antigos gregos e romanos usavam nas suas narrativas formas de estruturação textual semelhante àquelas que, no jornalismo moderno, se conhece pelo formato da pirâmide invertida. Para

¹ Os relatos periodísticos (*Relationes novellae*) são a última classe de relatos históricos definidos por Peucer, como aqueles "[...] que contém a notificação de coisas diversas acontecidas recentemente em qualquer lugar que seja". *Comunicação & Sociedade*, – n.33, p.199-216, 2000.

os relatos jornalísticos, o pesquisador defende: 'ater-se àquelas circunstâncias conhecidas que se costuma ter sempre em conta em uma ação tais como a pessoa, o objeto, a causa, o modo, o local e o tempo'. É interessante notar que esses elementos da narrativa correspondem à síntese de Laswell: o lead informa quem fez o quê, quando, como, onde e por quê. (MORAES, 2006, p. 30).

De acordo com MORAES, no século I, O escritor romano Marco Fabio Quintanilha² ensina que se deve começar pelos elementos mais importantes na arte de contar novidades.

Ao tratar sobre os relatos (não-ficcionais) de acontecimentos relevantes para a vida coletiva, expõe o cumprimento dos elementos da narrativa: as circunstâncias do sujeito, objeto, tempo, lugar e causa. Com base nesses dados históricos, constata-se que as narrativas jornalísticas atuais usam dos formatos historicamente consolidados. Os dispositivos 'Pirâmide invertida' e lead são convenções narrativas que encontram sua origem na história do 'relato dos fatos'. (MORAES, 2006, p. 30).

E a idéia de relato nada mais é do que a função de repartir informações entre um emissor e um receptor. Um legitima a existência do outro. Dessa relação surge a comunicação. Na interpretação de BARTHES:

[...] mesmo que haja, no interior da narrativa, uma grande função de troca entre um doador e um beneficiário, da mesma maneira, homologicamente, a narrativa, como objeto, é alvo de uma comunicação: há um doador da narrativa, há um destinatário da narrativa. Sabe-se, na comunicação lingüística, eu e tu são absolutamente pressupostos um pelo outro; da mesma maneira, não pode haver narrativa sem narrador e sem ouvinte (ou leitor). (BARTHES, 1966, p. 45).

Cria-se, então, na narrativa jornalística, uma comunicação mais objetiva que é a notícia, e que não é mais do que a reconstrução da realidade. "O repórter, além de selecionar apenas os aspectos que lhe parecem relevante, deixando de fora outros, ainda projeta seus próprios significados conotativos sobre o evento" (ROSSI, 2000, p. 89).

Nesse sentido, a realidade pode ser entendida como sendo aquilo que está organizado em torno do 'aqui' de meu corpo e do 'agora' do meu presente. Este 'aqui e agora' é o foco da minha atenção à realidade da vida cotidiana. "Aquilo que

² Referência à aula ministrada por Jorge Pedro Souza durante o curso *Teoria da Notícia e do Jornalismo* na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Brasília, 2003, citado por MORAES, 2004, p. 30.

é 'aqui e agora' apresentado a mim na vida cotidiana é o *realissimum* de minha consciência". (BERGER; LUCKMANN, 1999, p. 39).

Para LEITE, escolher qual será a ordem ou desordem da enunciação dos fatos influência na visão crítica do discurso narrativo. E, nesse quesito, a narrativa jornalística se aproxima da narrativa histórica. Nela, o historiador atribui, voluntariamente, significações ao fato narrado "dos quais pode tirar lições morais ou políticas, e um segundo nível, cujas significações são perceptíveis através estrutura da sua narrativa, que acaba por revelar implicitamente, uma determina visão". (LEITE, 2004, p. 82).

2 HIPÓTESE DA EVOLUÇÃO DA NARRATIVA JORNALÍSTICA

Diferentemente dos relatos comuns, a narrativa jornalística não apresenta os acontecimentos em ordem cronológica. Não começa pelo princípio nem finaliza com a última seqüência dos atos.

As narrativas factuais procuram estabelecer relações lógicas e cronológicas das coisas físicas e das relações humanas reais e fáticas. Sua narrativa guia-se pela relevância dos acontecimentos: do mais ao menos importante. Assim, a estrutura narrativa noticiosa estabelece a escala direta de importância dos fatos. (MOTTA, 2004, p. 24).

O jornalismo dos tempos de guerra do Iraque, citado na introdução, é um paradigma que está com os dias contados. Assim como teve os dias contados o jornalismo literário dos anos 50. A dúvida que atormenta esse trabalho é: como será o jornalismo e texto da notícia daqui a 50 anos? A única certeza é que irá mudar. Deverá se moldar aos novos hábitos de consumo do homem, em constante surgimento. No entanto, um aspecto que fez o texto jornalístico evoluir décadas atrás, apesar de empobrecê-lo, foi o uso do lead. "O esquematismo exagerado conduziu, na atualidade, a tal padronização que repórteres deixaram de ter como característica central o domínio do idioma, de seu próprio estilo pessoal e da melhor maneira de captar o interesse do leitor, para se transformarem em especialistas em uma técnica: a de redigir informações que

respondam as seis perguntas fundamentais, de preferência sintetizando-as no lide ou abertura da matéria”. (ROSSI, 2000, p. 27).

Com isso, a notícia tornou-se, aos poucos, mais curta, objetiva e direta, mais expositiva, encadeando os dados em ordem de relevância e menos pela cronologia. A percepção dessa evolução é delineada por ZANCHETTA, da seguinte maneira:

“O traço de individualidade, muitas vezes obtido pela redação em primeira pessoa, deu lugar a impessoalidade da terceira pessoa. Essas mudanças ocorreram, primeiramente, pela influência da imprensa e das agências internacionais. Elas tornaram-se fontes que ocuparam espaço privilegiado nas páginas dos jornais brasileiros até os anos 1970, não apenas pelo fascínio na Europa e EUA, mas também pela sucessão de eventos que tornaram o século XX um dos mais tumultuados e decisivos da história da humanidade”. (ZANCHETTA, 2004, p. 47).

No entanto, Rossi admite que com o lead, evita-se a “literatice” em que incidem muitos jornalistas. Mas considera igualmente verdade que boa parte dos textos tornou-se simplesmente aborrecida, cansativa, monótona. Será esse outro indicativo de que a narrativa precisa mudar e evoluir?

3 O CORREIO BRAZILIENSE

Em 1956, uma resolução aprovada em congresso dos Diários Associados concluiu que era preciso criar para o grupo um jornal na nova capital. À época, Assis Chateaubriand foi contrário à construção da cidade, por considerar aquilo mais um disparate do presidente Juscelino Kubitschek. Assim:

[...] o atual Correio Braziliense nasceu de uma aposta entre Assis Chateaubriand, empresário de comunicação e dono dos Diários Associados, e o então Presidente Juscelino Kubitschek. O empresário prometeu ao presidente que se ele conseguisse construir a cidade no tempo previsto, encontraria, no dia da inauguração da capital, em 21 de abril de 1960, um jornal funcionando. (Morelli, 2003, p. 107).

Desde então, o jornal é produzido e impresso em Brasília. O Correio refletiu a cidade e seus habitantes desde as primeiras edições, mas não nas primeiras

páginas (por muitos anos essas foram destinadas ao conteúdo que basicamente misturava cobertura nacional e internacional).

O período de criação da cidade correspondeu ao de implantação do jornal. No entanto, “o tumulto político e social da década de 1960, em Brasília, não se refletiu muito no jornal, pois ele não era exatamente alinhado com o governo de João Goulart”. (MORELLI, 2003, p. 108).

Outro ponto que contribuiu para a harmonia com o regime militar foram os contatos da direção com o poder estabelecido naquele período (AMORIM, 1993, p. 101). O jornal passou a década de 1960 reportando os tumultuados acontecimentos com correção e sem ousadia, seguindo o estilo e o ritmo dos principais diretores Ari Cunha e Edílson Cid Varela. (MORELLI, 2003, p. 109).

A década de setenta, no entanto já apresentava algumas transformações. Foi marcada no Correio Braziliense pela chegada de um novo diretor de redação: o jornalista Oliveira Bastos. As mudanças promovidas pela nova gestão significaram um aumento no número de páginas de classificados e da tiragem do jornal. Em 1970, circulavam 11 mil exemplares por dia. Oito anos depois, eram 27,5 mil exemplares por dia. MORELLI ressalva, ao divulgar os dados, que a população também cresceu na época e passou de 500 mil habitantes para um milhão, nesse mesmo período.

Seguindo a marcha da mídia impressa nacional no período, em 1970 o jornal implantou retrancas por assuntos nas páginas, e criou o tema Cidades em uma pagina própria.

A linha editorial do jornal no início era a linha dos Diários Associados, comandado com mão pesada por Chatô, mas a partir de 1964, alinha-se quase compulsoriamente com os governos militares seguintes.

A percepção tardia da transferência da capital do país para Brasília fez com os jornais de repercussão do Rio de Janeiro (antigo Distrito Federal) e São Paulo ficassem à frente, até o final da década de 1960, na posse de informações essencialmente políticas e econômicas. Ao jornal restava usar textos de agências de notícias de outras cidades e também de outros países.

Isso devido ao fato de grande parte de empresas e órgãos públicos, fonte de informação dos jornalões (apelido dos jornais de grande tiragem e repercussão), ainda estarem instaladas na cidade do Rio de Janeiro. A transferência efetiva da infra-estrutura governamental para a nova capital teve início durante o regime militar.

Os Diários Associados traziam desde o berço um laço governista. Isso se repetiu no Correio Braziliense. No entanto, outro fator uniu os interesses do jornal com o regime militar. Logo nos meses iniciais de circulação o jornal se viu em uma cidade de economia local fraca, mas crescente. Com isso,

[...] a manutenção do jornal era garantida pela publicidade oficial, local e federal. À época, a venda em banca não garantia esgotamento total da tiragem e os órgãos públicos instalados na capital garantiam os recursos oriundos das assinaturas mensais. (MORELLI, 2003, p. 109).

Basicamente, toda a primeira página do Correio Braziliense de 1970 era composta de notícias internacionais e nacionais. Essas informações eram extraídas de agências internacionais de notícias e de outros jornais da rede Diários Associados.

À época, as notícias de Economia, Política, Nacional (hoje Brasil) eram, em sua maioria, de agências de notícias. O texto pré-pronto das agências de notícias deixava para o editor ou repórter somente o trabalho, quando necessário, de reescrevê-la. Por vezes isso era necessário para adaptar o tamanho do texto ao espaço destinado no papel impresso. Com isso, o repórter não tinha necessidade de produzir, de fato, o texto da notícia, mas somente reproduzi-la.

Para demonstrar esse relacionamento, transcreve-se abaixo parte do telegrama que o presidente da United Press International enviou ao diretor do Correio Braziliense João Calmon, em 21 de abril de 1960.

Parabéns pelo lançamento do Correio Braziliense, amanhã. A United Press International orgulha-se de poder fornecer notícias e fotografias procedentes do mundo inteiro ao primeiro jornal de Brasília, que

começará a ser publicado no dia da inauguração da nova capital. Desejo ao Correio Braziliense o maior êxito nesse empreendimento histórico.

Frank H. Bartholomew

4 ANÁLISE DO CONTEÚDO

Estudar as narrativas é descobrir os dispositivos retóricos utilizados pelos repórteres e editores capazes de revelar o uso intencional de recursos lingüísticos e extralingüísticos na comunicação jornalística para produzir efeitos (o efeito de real ou os efeitos poéticos).

Em quaisquer estudos sobre o tema, é importante estudar os seguintes dispositivos: “tempo e espaço, que são os elementos da narrativa; estrutura, isto é, as partes que a compõem, e o narrador, organizador da narrativa”. (MORAES, 2006, p. 16).

Entre os operadores da narrativa, citados acima, este estudo debruça-se sobre a estrutura da narrativa. De acordo com MOTTA, as narrativas podem ser analisadas em pelo menos três instâncias expressivas e significativamente interconectadas. Essas três instâncias analíticas são as seguintes: plano da expressão, plano da história e plano da metanarrativa. Outros autores atribuem a estes planos os nomes de plano, história e fábula.

No entanto, a teoria de base para as análises de conteúdo é outra. A da narrativa jornalística. Com base nisso foi possível buscar no repertório lingüístico do jornalismo impresso um estilo de narrativa desenvolvido no Correio Braziliense na década de 1970.

Nas práticas discursivas estas instâncias ocorrem de forma superposta umas às outras, o sentido é unitário, integral, intuitivo e pressuposto e os indivíduos não percebem nenhuma hierarquização entre elas. Só se justifica separá-las para efeito de análise.

Vale considerar que os dois primeiros planos são de construção e expressão predominantemente de valores estéticos, enquanto o terceiro é predominantemente ético e moral.

Com base nas três instâncias analíticas seguintes: plano da expressão, plano da história e plano da metanarrativa e na classificação de problemas³ típicos de fluência da narrativa jornalística de MEDINA (1988) foi feita uma observação de amostra de cinco dias, em diferentes períodos de 1970, onde foi possível reunir algumas matérias para relacionar os problemas comuns observados na estrutura das notícias do Correio Braziliense daquela época.

Plano da Expressão

Este plano trata da linguagem do texto, da superfície que se constrói o enunciado narrativo.

É o plano do discurso propriamente dito ou o modo como o narrador dá a conhecer ao leitor a realidade que quer evocar. É o plano da linguagem formal que modela uma história. Para a análise da narrativa jornalística, este plano tem uma grande importância na medida em que a retórica jornalística é largamente utilizada para imprimir tonalidades, dar ênfases, destacar certos aspectos, imprimir diversos efeitos de sentido. (MOTTA, 2004, p. 38).

Para Motta, o jornalismo trabalha muito com estes efeitos como, por exemplo, a ironia. Pistas de ironia são freqüentemente encontradas no discurso jornalístico e imprime à narrativa efeitos diferentes do simples efeito do real.

Plano da História

O plano da história eleva-se acima e de forma relativamente autônoma do plano da expressão (embora para Motta, um não possa existir sem o outro). É no plano virtual da significação em que uma realidade é evocada pelo texto narrativo por meio de uma seqüência de ações temporais e causais desempenhadas por personagens estruturando uma intriga.

É o plano de conteúdo da história propriamente dito. Uma análise da narrativa só pode ser realizada quando se conhece ou se deduz a história integral que está sendo narrada. Por isto, na análise da narrativa jornalística, é preciso reconstituir retrospectivamente a história completa.

³ A autora cita uma relação de problemas que podem ser observados na estrutura das frases. São eles: Frase de difícil leitura; problemas de estruturação da frase; intercalação excessiva; desconexão com tempos verbais.

Se os fatos ainda estão em andamento, é preciso esperar que se concluam. Ou se poderá fazer uma opção de corte da narração continuada, selecionando rigorosamente o fim e o início de alguma história que pretenda analisar. (MOTTA, 2004, p. 39).

Aqui, os acontecimentos e personagens existem e isto traz implicações ontológicas e epistemológicas que precisam ser levadas em conta, ainda que a análise recaia sobre a narrativa e personagens enquanto figuras do discurso, não sobre suas pessoas.

Para Motta, o fato de estes acontecimentos e pessoas existirem na vida real produz um efeito sobre o modo ou ponto de vista do narrador que se transfere para o discurso, sobre o modo como o enunciador organiza as narrativas.

Plano da Metanarrativa

Neste ponto, a análise parte para um aprofundamento de imaginários culturais. É o plano da estrutura profunda, relativamente mais abstrato e evasivo. Plano em que os motivos de fundo ético ou moral integram as ações da história em uma estrutura compositiva cultural pré-textual, de caráter antropológico.

É o plano da realização da fábula, da cosmovisão ou do mythos aristotélico. São situações éticas fundamentais moldadas por um narrador no momento em que se põe a narrar, como por exemplo, a fidelidade, a fé, a confiança, a conspiração, o pacto, a ruptura, a corrupção, o duplo, o percurso do herói, o triunfo, a recompensa, o regresso, a compaixão, etc. (MOTTA, 2004, p. 39).

Para análise do Correio, deve-se levar em conta que o texto é ou não trabalhado dentro de um discurso produzido, com uma construção discursiva enquanto prática social em um determinado contexto e momento histórico. E que aqui o discurso é entendido como o ato comunicativo com a finalidade de influenciar, persuadir o leitor. E a narrativa, também um ato comunicativo, tem um objetivo artístico que implica a construção de um dado estilo.

Entender porque as notícias eram como eram em 1970, nos remete às teorias do Espelho e do Newsmaking. Na primeira, o jornalismo reflete a realidade. Por essa teoria, o jornalista é um mediador desinteressado, cujo dever é produzir um relato equilibrado sobre suas observações, com o cuidado para não apresentar

opiniões pessoais. Na segunda, ao contrário da primeira teoria, o jornalismo está distante de ser o espelho do real.

É, antes de tudo, a construção social de uma suposta realidade, onde o discurso é submetido a uma série de operações e pressões sociais para constituir o significado de notícia. Nessa teoria, a imprensa não reflete a realidade, mas ajuda a construí-la. (PENA, 2005, p. 128).

5 CONTEXTO SOCIAL

Nas páginas destinadas à cobertura do factual local, do Distrito Federal e regiões satélites, o texto da notícia, em sua composição estilística e narrativa, é completamente diferenciado dos cadernos de Internacional, Brasil e Economia (conforme exposto no item 3).

Trata-se de alinhar alguns elementos para compor o ambiente que os jornalistas viviam e que estabeleceram influência no estilo e angulação do texto do Caderno de Cidades, para tornar os seus textos diferenciados dos demais cadernos do jornal.

O primeiro desses elementos é que na inauguração do jornal foi preciso preencher o quadro de jornalistas para garantir que o Correio circulasse normalmente. No entanto, não havia faculdades de jornalismo na época em Brasília, a Universidade de Brasília surgiu⁴ dois anos depois da inauguração do jornal e da Capital Federal. Sabe-se que à época não era exigido o diploma de jornalismo e que, em sua maioria, os jornalistas aprendiam na prática os conhecimentos da profissão.

Com isso foi necessário buscar profissionais em outros diários da rede associados. À época, os veículos Associados do Rio de Janeiro e de São Paulo cederam jornalistas para o Correio Braziliense, em uma espécie de voluntariado compulsório estabelecido por Assis Chateaubriand.

Os jornalistas que aqui chegaram encontraram uma cidade ainda por terminar. Alguns jornalistas se engajavam na causa da nova cidade, mas sentiam

⁴ Inaugurada em 21 de abril de 1962, a Universidade de Brasília (UnB) já funcionava desde o início do mês, exatamente no dia 9, nas dependências do Ministério da Saúde, na Esplanada dos Ministérios. In <http://www.unb.br/unb/historia/resumo.php>. Acessado em 20/04/2008.

na pele a dificuldade de se deslocar de um ponto a outro da cidade, com construções e barro vermelho por todos os lados. E não havia, por parte de alguns desses profissionais, uma relação de empatia e intimidade com a cidade. O que resultava em uma apuração por vezes demasiado apegada ao Plano Piloto e demasiado distante aos traços individuais que cada uma das cidades do Distrito Federal possuía. É o que retrata MORELLI:

O jornal continuava, no entanto, a priorizar Brasília e a cobertura das cidades-satélites era tímida, apesar do volume populacional destas áreas ser superior ao volume do Plano Piloto. Em entrevista, Oliveira Bastos lembrou que havia um certo preconceito em relação a estas áreas, que inclusive não tinham na época a capacidade de organização social que anos mais tarde adquiriram. Exceção feita a Ceilândia que desde a sua fundação teve sempre um bom nível de articulação política e social. (MORELLI, 2003, p. 112).

Vale citar o caso do jornalista Mário Miguel Nicola Garófalo⁵, amigo pessoal de Juscelino Kubitschek, que veio à capital para fazer a cobertura de inauguração. Depois do dia histórico de 21 de abril de 1960, Garófalo foi se despedir de JK quando recebeu o convite para se mudar definitivamente para Brasília. Na época, ele morava em uma casa improvisada do Correio Braziliense na W3 Sul e dormia sob uma escada.

Nota-se, no período que compreende a inauguração do jornal até meados da década de 1970, um número desigual de matérias na editoria que viria a ser o carro chefe do veículo por vários anos: a cobertura de cidades. O jornal era composto, na maior parte, de matérias sobre política, economia, nacional e internacional. Em número de páginas, para se ter idéia, a editoria de cidades (à época indefinida, pois trazia também conteúdo das cidades de Minas Gerais e Goiânia) possuía apenas duas páginas, contra quatro de política, três de economia, quatro de nacional e cinco de internacional.

6 CADERNO DE CIDADES

⁵ in <http://www.correioweb.com.br/hotsites/brasilia44anos/entrev.htm>. Acessado em 15/04/2008.

Em março de 1970, o Correio publicou uma matéria não assinada sobre a região administrativa (à época chamadas de cidade satélite) em desenvolvimento no Distrito Federal, na ocasião Guará. Basicamente, a matéria informava sobre a falta de infra-estrutura de saneamento básico de ruas e quadras.

Nesse caso, o repórter saía para apurar na “rua” e voltava para escrever o texto na redação do jornal. Nessa tarefa diária, ele inconscientemente levava para o texto uma série de impressões dramáticas, de memórias ativas e emotivas e de envolvimento com o acontecimento. Essas ações refletem como será a angulação do texto, a edição e a captação, com base na interação com a realidade.

À primeira vista, relatar o acontecimento torna-se o simples preenchimento do questionário da pirâmide invertida, para então, reconstruir o universo que foi visto por ele. Criar o texto de um acontecimento vivido. No entanto, o repórter enfrenta o desafio de enxergar os fatos por diferentes pontos de vista. Deve deixar de lado suas visões estereotipadas e conceitos pré-formados para captar diferentes angulações e contextos. Exigi-se a capacidade de aglutinar as informações mais pertinentes em uma narrativa noticiosa de forma interessante para o público.

De acordo com o diretor do Correio, Ari Cunha, durante a década de 1970, os repórteres não eram obrigados a assinar matéria com o próprio nome. E, de certa forma, esconder-se atrás do nome do jornal dava liberdade para o jornalista.

Na cobertura, uma preocupação clara: fornecer ao leitor todos ângulos pitorescos dos personagens que viviam a ação. A visita foi registrada nos mínimos detalhes de um diário de viagem. O ambiente (local) ficou em primeiro plano. A cobertura está superpovoada de curiosidades. A opinião foi muito valorizada. O leitor tinha diante de si até três páginas de matérias não assinadas. Não teria sido função da editoria processar a essa seletividade. O que se salientou foi a presença interpretativa do caderno de Cidades.

O narrador supervaloriza a citação de tempos considerados complexos para uma mensagem jornalística. Relacionado com estes elementos de tempo está a angulação predominante. A força emotiva substitui a força objetiva, cronológica, do acontecer, porque o repórter está sofrendo com aquela situação. Ali, a linha de

humanização se define em fazer compreender e tratar do assunto, mas acima de tudo, emocionar.

Segundo MEDINA, o que distingue a notícia da grande reportagem é o tratamento do fato jornalístico, no tempo da ação e do processo de narrar.

“A matéria que amplia uma simples notícia, aprofunda o fato no espaço e no tempo, e esse aprofundamento (conteúdo informativo) se faz numa interação com a abordagem estilística. A reportagem se faz então narração noticiosa”. (1988, p.115).

A narração torna-se indispensável e foge-se aí das fórmulas objetivas para as formas subjetivas, particulares e artísticas. O redator não tem à disposição recursos prontos, mas passa a criar. Nesse momento, só se diferencia do escritor de ficção pelo conteúdo informativo de sua narração, por isso, segundo MEDINA, narração noticiosa.

O traço predominante nas matérias publicadas no caderno de Cidades do Correio, de 8 de março de 1970, é exatamente o processo narrativo dos fatos jornalísticos. Nas matérias analisadas há muito mais preocupação de narrar do que relatar fatos ou acontecimentos. O narrador coloca os fatos numa perspectiva interpretativa, porque conjuga, seleciona, integra situações de um quadro maior do que o “aconteceu isso e aquilo em tal lugar e tal dia” da notícia.

Uma das dificuldades típicas do trabalho com a produção de textos é a diferenciação entre as atividades de relatar e narrar um determinado acontecimento. Para estudiosos do assunto, a diferença entre um relato e uma narrativa é que a definição de relato está associada essencialmente à apresentação de informações e isso permite identificar uma característica e uma função do relato. A função seria, obviamente, a de informar. Para cumpri-la o ato de relatar caracteriza-se pela apresentação ou enumeração de informações básicas sobre um acontecimento.

“Narrar é relatar eventos de interesse humano enunciados em um suceder temporal encaminhado a um desfecho” (MOTTA, 2004, p. 7).

A narrativa é um texto que pode ser definido como bem mais elaborado estruturalmente que o relato, por um lado, e que, por outro, apresenta objetivos

bastante diferentes do que os da crônica, sempre envolvida na análise do acontecimento contemporâneo. É nela que encontraremos fatos ou acontecimentos relatados. Ocorre, porém, que à época, a principal preocupação do repórter que elabora um texto não está centrada nos fatos, mas sim na maneira como são apresentados.

É possível observar a diferença entre a construção textual da época e a vigente na atualidade. Para dar início a essa comparação, basta confrontar as notícias dos arquivos dos jornais.

Com base nas três instâncias analíticas seguintes: plano da expressão, plano da história e plano da metanarrativa e na classificação de problemas típicos de fluência da narrativa jornalística de MEDINA (1988) foi feita uma observação de amostra de sete dias onde foi possível reunir uma coletânea de períodos para relacionar os problemas comuns observados na estrutura das notícias do Correio Braziliense daquela época.

A mostra observada foi composta das seguintes edições: 8 e 10 de março de 1970; 14 de junho de 1970 e 5 de dezembro de 1970.

6.1 PROBLEMAS DE ESTRUTURAÇÃO GERAL

O texto de uma notícia deve seguir alguns princípios, como ter orações breves, preferência pelo vocábulo usual, estilo direto, uso adequado de adjetivos. Esses elementos definem o texto contemporâneo que

[...] se caracteriza pelo ritmo de fácil assimilação como consequência imediata da frase curta. Sua elaboração fluente procura evitar um pesado encadeamento de orações subordinadas e desdobra as idéias em frases sucessivas". (MEDINA, 1988, p. 176).

GUARÁ ESPERA ALGO MAIS DO QUE PROPAGANDA

(sem autor)

Guará continua sendo aquela cidade triste, onde só mora quem não tem outra alternativa. Pra começo de conversa, as casas foram

distribuídas em grupos e até hoje não se pensou em traçar ruas, ruas planas, onde todo mundo possa andar em linha reta, sem cair em valas ou ter de escalar elevações. Nesse tempo de chuva, então, é o caos, caso de calamidade pública. As crianças brincam na lama, beirando verdadeiras lagoas de águas paradas, foco ideal de pernilongos e, quem sabe, até de outras doenças.

O pessoal mais otimista não se deixou impressionar fez fachada nova na casa, pintou de cores alegres, plantou trepadeiras que viçam já, canteiros e canteiros de flores, aguardando, depois, a iniciativa pública, que até hoje não se fez presente.

E as pessoas se indagam: adiante fazer uma cidade assim, fazer aquela publicidade toda, e depois não dar nem mais aquela?

Até entrar no Guará é difícil. Mal se ultrapassava a bonita passagem de nível, gramada e ajardinada, para se deparar com uma multiplicidade de entradas, restando o recurso de escolher a que, no momento, não esteja alagada, ou então, crivada de buracos.

Todos lá só acalentam um sonho: o de ver, com a melhor brevidade, a cidade emergindo em meio a fitas de asfalto, as ruas com plaquinhas brancas de sinalização, as crianças brincando em *playgrounds* de areia branca, e jardins, e jardins para embelezar a vida.

(8/03/1970, p. 13.).

O texto, inicialmente, está situado no plano da metanarrativa, ou seja, o autor levanta juízo de valor sobre a situação de infra-estrutura precária da cidade. Há uma supervalorização de detalhes que terminam por confundir o leitor. No segundo período, faz a apresentação de conflitos, mas sem dizer quem está insatisfeito. Se os moradores estão insatisfeitos com o local onde moram, a primeira coisa a dizer é o que os moradores estão revoltados com a falta de estrutura das vias e quadras do Guará. A partir do segundo parágrafo ele parte para o plano da expressão, onde utiliza alguma ironia para dar ênfase e destacar o aspecto das pessoas que vivem esperando a situação melhorar, mas tocam a vida

sem reclamar. Oferece primeiro o relato do fato sobre o qual manifesta sua opinião. Nesse trecho, ele cita que a iniciativa pública ainda não se fez presente. Há falhas na pontuação e na repetição antiestilística de substantivos. O repórter se deixa levar pela emoção. É perceptível a preocupação de caráter afetivo com a cidade e seus problemas.

REUNIÃO COMEÇA PARA MONISTAS

(Sem autor)

Na noite de ontem o Professor José Bonifácio Alexandre fez a abertura do Encontro, e o Engenheiro Ferdinando Ruzzante Netto, de São Paulo, falou sobre a intuição sistemática racionalmente controlada como método de pesquisa. A gênese e a estrutura do universo da teologia monista foi último tema discutido ontem pela exposição do professor Carlos Tôrres Pastorino.

O Universo material-dínamo-psíquico será o assunto de hoje tratado pelo engenheiro Luis Vieira.

(10/03/1970, p. 7.).

Nesse caso, o repórter passou a informação para o leitor sem compreender os significados dos elementos da notícia. Monistas são os estudiosos da filosofia e da metafísica. O título deveria trazer um termo conhecido pelo maior número de pessoas, como filósofos. Se o leitor não sabia o que significava a “intuição sistemática racionalmente controlada como método de pesquisa”, continuou sem saber. A frase ficou incompreensível para os não iniciados no assunto da sistemática racionalmente controlada.

6.2 PROBLEMAS DE ESTRUTURA DE IMPORTÂNCIA

Segundo MEDINA, o que distingue a notícia da reportagem é o tratamento ao fato jornalístico, no tempo de ação e no processo de narrar.

CENTRO RECEBERÁ NOVAS INSTALAÇÕES

(Sem autor)

Um hospital que recupera o corpo humano das enfermidades que praticamente o inutilizam, o Centro de Recuperação Sarah Kubitschek, mantido pela Fundação das Pioneiras Sociais, está sendo ampliado e recebendo instalação e equipamentos.

“Atualmente com um atendimento diário de 900 pessoas, a maioria crianças, o Centro é uma verdadeira obra de assistência médico-social”. Quem assim afirma é o Coronel Geraldo da Silva Alves, delegado regional das Pioneiras Sociais.

E justifica: “40 por cento dos nossos clientes são indigentes, o restante é atendido pelo INPS, com tabelas relativamente baixas ao Conselho Nacional de Previdência Social. E apenas uma íntima minoria remunera merecidamente os nossos serviços”. Mesmo assim, o Centro de Recuperação Sarah Kubitschek, com clínicas especializadas e tratamento interno, estão investindo 250 mil cruzeiros novos em instalação. Brevemente será inaugurado o Centro Cirúrgico com salas de operações, ampliação de laboratórios e do ginásio de fisioterapia. Também está em projeto uma escola para excepcionais.

Mas o centro enfrenta dificuldades – diz o coronel Geraldo Alves. Cita que atualmente só podem internar crianças. Mas, em contrapartida, há a renda do aluguel do Edifício Pioneira Sociais.

(8/03/1970, p.13.).

Nessa matéria, somente a fonte é citada, não há personagens. Trata-se de um militar. A partir disso, é possível compreender a necessidade, ou mesmo pressão, de fazer dessa notícia sem notícia, uma notícia. Apesar de abrir o texto com as modificações que só somam a estrutura do Centro, que está recebendo

novos equipamentos e ampliando o espaço físico, o repórter deixa o mais importante para o final. O lead está no final e não tem a menor relação com o título e desenrolar do texto: o Centro passa por dificuldades e só atenderá crianças. Numa leitura atual, entende-se que narrar o fato principal é o importante. Pelo caráter do discurso, esse texto está situado no plano da expressão. Onde o narrador dá a conhecer ao leitor a realidade que quer evocar.

O BOM GRANJEIRO

(Sem autor)

Uma granja, uma chácara, uma fazenda, um sítio, não é apenas um pedaço menor ou maior de terra, convenientemente preparada para a criação de frango, perus, suínos e coelhos, ou para plantação de laranjas limões e ou outras frutas, nem para grandes culturas de arroz feijão ou milho. Mesmo com boa e racional aplicação de financiamentos rurais.

É imprescindível que haja muito amor à terra, muita dedicação e boa vontade, tenacidade e resignação para superar os eventuais reveses, muita compreensão para perdoar erros e muito calor humano para manter unida a pequena comunidade.

Todas essas considerações nos ocorreram quando visitávamos o lote nº 92, o núcleo rural de Tabatinga, onde o Sr. Luis Fausto Junqueira, com dedicação, esforço, tenacidade e não poucos sacrifícios, venha a seis anos montando uma granja que dominou “Caçamba”.

São 150 lotes a margem de uma estrada encascalhada, em bom estado de conservação. Cada lote, com área média de 50 hectares, tem uma frente de 350 metros e de fundos cerca de quilômetro e meio, variando conforme a sinuosidade do córrego Jardim.

Uma lição que aprendemos na visita à “CAÇAMBA”, foi a inteligente aplicação de um financiamento obtido no Banco do Brasil para a construção de um tanque para irrigação com capacidade para 114 mil litros d’água.

Não podíamos terminar esta reportagem sem mencionar um fato agradável, ocorrido logo a nossa chegada à CAÇAMBA. O Sr. Junqueira tinha ido ligar a bomba para encher o tanque-piscina e a meninada estava já brincando com a água que jorrava, quando saltamos do carro. Uma delas, uma garota de uns cinco anos, perguntou-nos o que desejávamos; Se tínhamos ido comprar chácara do vovô.

(5/12/1970, p. 7).

Nesse texto, o jornalista abusou da descrição do ambiente. Mostrou-se envolvido e íntimo dos fatos. Passeou por “lugares comuns” para evocar imaginários culturais, como amor, dedicação, superação. Ficou difícil saber o que é a notícia. Pode parecer uma crônica, mas o autor insiste em dizer, no último parágrafo, que é uma reportagem. Com isso, ele amplia uma simples notícia de poucas linhas, percebida pelo autor do trabalho como sendo: A vantagem de recorrer a um financiamento do Banco do Brasil para aumentar a produção de uma granja ou fazenda, e a insere no plano da metanarrativa, ou seja, dessa descrição abstrata e evasiva. ERBOLATO diz em seu livro que “O segredo da boa notícia depende da maneira compreensível como chega ao receptor. É preciso evitar, ainda, que ela seja influenciada pelo repórter, que poderá distorcê-la, com a sua apreciação pessoal e apaixonada. É difícil escrever com imparcialidade, porque o jornalista, ao narrar um acontecimento, pode encará-lo do ponto de vista favorável e sujeito às suas emoções instantâneas”. (ERBOLATO, 1991, p. 90).

6.3 PROBLEMAS DE INTERCALAÇÃO EXCESSIVA

Pode-se observar facilmente, no Caderno de Cidades do Correio Braziliense, um modismo: o constante uso de intercalações nas frases. Justapor observações, pareceres, informações à frase básica. Jogam num ritmo de leitura nem sempre cômodo. “Essas intercalações, marcadas ou não por travessão, tornam o ritmo da leitura sincopado demais. O leitor faz um exercício mental ao pular, seguidamente das idéias principais para as idéias paralelas”. (MEDINA, 1988, p. 180).

GOVERNO SEPULTA INDIGENTE

(Sem autor)

“A antecipação do desembolso, pelo Governo do DF, de duzentos e cinquenta salários-mínimos, para fazer face às despesas com sepultamento de indigentes, no cemitério Campo da Esperança, foi determinada pelo Secretário de Serviços Públicos do DF, Sr. Paulo Fonseca Viana, após entendimentos com o governador Prates da Silveira. A referida quantia, que deveria ser liberada em três trimestres teve a antecipação de seu desembolso dividido à necessidade de se resolver o impasse criado por falta de recursos”.

(10/03/1970, p. 7.).

Nesse texto, o problema é o ritmo da leitura que impõe ao leitor. É travada. A seqüência deixa confusa a compreensão do significado geral da notícia. Fica-se sem entender qual é o verdadeiro motivo, o impasse, para a antecipação do desembolso para enterrar os indigentes.

6.4 DESCONEXÃO COM TEMPOS VERBAIS

Com freqüência, no processo narrativo de um acontecimento, encontra-se uma descontinuidade de tratamento quanto aos tempos verbais. O texto se propõe

um presente histórico, mas no seu desenvolvimento passa ao uso normal do passado.

Seguem as frases coletadas na amostra:

I FINBRÁS NÃO SAI E DÁ “ESTOURO” NA PRAÇA

(Sem autor)

“Estouro” de milhares de cruzeiros, envolvendo órgão fiscais e empresas particulares do Distrito Federal e de diversos Estados. Acaba de ser dado em Brasília pela firma ETEPLAN, que pretendeu organizar a “I FINBRÁS – Exposição de Indústria, Comércio e Órgãos Oficiais”.

A “Exposição” que começou a ser instalada junto à antiga Feira Permanente não houve e os “diretores” da ETEPLAN desapareceram de Brasília. São eles os srs. Pedro Onofre de Araújo, “Diretor-geral”, e Plínio Visgueiro, “Diretor de Obras”, contra os quais já existe queixa na 2ª Delegacia Policial da Asa Norte e mandado de arresto na primeira Vara Cível, requerido por um dos lesados, o Sr. Waldomiro Aureliano, proprietário da “Madeireira Rodrigues”, do Núcleo Bandeirante.

A “I FINBRÁS” estava programada para funcionar durante o aniversário de Brasília e foi até iniciada a instalação de “stands” de diversas entidades, como o INPS, o DETUR, a Casa do Ceará e outros, com consideráveis prejuízos pois o material de divulgação instalado chegou a ser estragado. O INPS, por exemplo, ao recolher seu material de exposição no dia dois de maio, encontrou os painéis amontoados e abandonados num dos recantos da área, com o desaparecimento de dois tapetes.

(14/06/70, p. 15ª).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise mostrou que algumas das notícias foram redigidas em estilos narrativos que não são mais adotados pelo Correio Braziliense. O estudo não tinha a intenção de apontar se os textos, do Caderno de Cidades de 1970, eram melhores ou piores. A idéia era observar que estilos de narrativa compunham a maior parte de período analisado.

A estratégia textual principal da época era a de provocar efeitos de sentido, diferentes do simples efeito de real dos textos de hoje, onde os fatos falam por si mesmos.

Tentou-se levantar o contexto social da época, com a finalidade de elucidar quais elementos permitiam a liberdade narrativa do texto de cidades.

Portanto, percebe-se que um deles é o distanciamento afetivo que alguns jornalistas tinham com relação à cidade, devido à chegada em uma cidade com poucos eventos a oferecer. Outro ponto é que as matérias não eram, em sua maioria, assinadas. A liberdade de criação que os editores permitiam ao repórter, que resultava em uma apuração, às vezes, permitia uma narração um tanto apaixonada.

Então, fica claro que o texto jornalístico está sempre em evolução. Com isso, nunca se terá uma técnica ou molde perfeito de narrativa jornalística, que se encaixe nas mais variadas situações que surgem na vida cotidiana.

Vale também considerar a evolução técnica da redação das notícias, onde exige-se um maior rigor técnico: clareza das informações, texto coerente e preciso.

Por outro lado, houve uma perda na liberdade de abordagem e um esvaziamento da interação do repórter com o acontecimento, que é a principal fonte de inspiração, diferenciação e manipulação na representação das notícias.

Conclui-se que os estilos narrativos são mutáveis. Não surgem do nada. Transformam-se com o tempo. Assim, nenhuma narrativa transforma-se de uma hora para a outra, desvinculada do que já existe. No entanto, após esses quase 40 anos já é possível identificar claramente novos formatos no texto do Caderno de Cidades do Correio Braziliense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Salomão. (1993), "Correio Braziliense: A força e a fraqueza de um jornal". *Jornalismo em Brasília: impressões e vivências*.

BARTHES, Roland. (1966), *Análise Estrutural da Narrativa*. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto, Petrópolis, Vozes.

BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. (1999), *A construção Social da Realidade*, 17a. edição, Petrópolis, Vozes.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. (2001), *O que é comunicação*. 26a. edição, São Paulo, Brasiliense.

CAPPARELLI, Sérgio. (2001), *Recursos da Narrativa Jornalística*, 2001.

ERBOLATO, Mário (1991), *Técnicas de Redação em Jornalismo*, São Paulo, Ática.

LEITE, Lígia. (2004), *O Foco Narrativo*, 10a. edição, São Paulo, Ática.

MEDINA, Cremilda. (1988), *Notícia, um produto à venda: jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial*, 2a. edição, São Paulo, Summus.

MORAES, Francilaine. (2004), *Discurso on-line: a perspectiva crítica da narratividade*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília.

MORELLI, Ana. L. F. (2003), "Correio Braziliense: 40 anos. Do pioneirismo à consolidação". *Revista Universitas//Comunicação*, ano 1, vol. 1, nov/2003: 105-122.

MOTTA, Luiz Gonzaga. (2005), *Narratologia: teoria e análise da narrativa jornalística*. Brasília, Casa das musas.

PENA, Felipe. (2005), *Teoria do Jornalismo*, São Paulo, Contexto.

ROSSI, Clóvis. (2000), *O que é jornalismo*, 10a. edição, São Paulo, Brasiliense.

WOLF, Mauro. (2002), *Teorias da Comunicação*. Lisboa, Presença.

ZANCHETTA, Juvenal (2004), *Imprensa Escrita e Telejornal*, São Paulo, UNESP.

ANEXOS

Edições de Cidades

Correio Braziliense:

8 de março de 1970

10 de março de 1970

14 de junho de 1970

5 de dezembro de 1970